



HISTÓRIAS AMARELAS

Autobiografias ilustradas de
leste-asiáticos brasileiros





Ficha técnica

Projeto Desenvolvido como conclusão do curso de Design
na Universidade Federal de Santa Catarina

Orientador do projeto

Prof. Dr. Douglas Luiz Menegazzi

Projeto gráfico, capa, ilustrações e produção gráfica

Laís Ezawa

Textos

Laís Ezawa
Gabriela Miti Almeida Hojo
Rebecca Hibari de Oliveira
Victoria Lam
R. T.
Fernanda Tiemi Tubamoto
Marian Koshiba
Karin Ueda
Naomi Kikuchi
A. C.
M. O.
William Hiody
Cristina Chen
Gabriel Yukio Goto
E. I.
Adrieli Yukie



Para todos os amarelos brasileiros
de hoje e do futuro.



Sumário

9 Vó, me conta a sua história

14 Dualidade

18 Precisei-me (Re)encontrar

22 Quando me descobri amarele

26 Quando fui viver fora do ninho

30 Meu nome é Marian

34 Crise de Identidade





38 Um dia de Undokai

42 Me libertar

46 Dor

50 Primavera de Epifitas

54 Estrangeira no seu próprio país

58 Na aula de hoje

62 O Eu que herdei

66 Asiático SENTE o preconceito

Vó, me conta a sua história

Por Gabriela Miti Almeida Hojo



Minha **bachan*** acabou falecendo na semana passada depois de ter passado 2 semanas no hospital em sedação. Por isso, apesar de eu querer contar parte da minha história, queria compartilhar uma parte da história dela (uma vez que, indiretamente, é minha também). Eu fazia com ela um livrinho chamado “Vó, conte-me sua história”, por isso tenho várias delas.

Inicialmente, um adendo para a primeira história: minha bachan veio para o Brasil em um navio quando tinha 5 anos, e a família acabou vivendo dentro de uma fazenda em que trabalhavam para o dono.

Ela era a caçula de 6 ou 5 irmãos. A maior parte da infância dela foi bem sozinha, já que todos saíam para a cidade para estudar ou iam para a fazenda trabalhar, e ela não sabia falar português para conversar com as outras crianças da fazenda. Ela ficava a tarde toda esperando dar o horário da janta para ela colocar a mesa para o jantar de todo mundo.

Depois de uns anos, outras famílias japonesas chegaram na região e o irmão mais velho dela achou que era hora dela e das crianças aprenderem a falar português. Ele arranhou uma casa e um professor. Eram 10 crianças: 6 meninos e 4 meninas. Ela sempre contava que as meninas a odiavam e que ela sempre saía para nadar com os meninos no córrego próximo à escola escondido.

As crianças estavam sempre fugindo para ir brincar, então o professor acabou ficando muito bravo e os repreendeu, mas nas palavras



da minha bachan: “nós éramos muito burros, ninguém respeitava o professor, por isso ele foi embora”. Assim se encerrou o único contato que ela teve com educação formal.

A segunda história é a parte mais sombria da vida dela. Quando ela tinha por volta dos 30 anos (em cerca de 1953), logo depois que ela teve meu tio (o terceiro filho), ela acabou contraindo tuberculose. Na época, uma doença muito grave e que era tratada como lepra. De uma cidade do interior de Minas Gerais, levaram ela para uma casa de “tratamento” em Campos de Jordão. Só tinham mulheres lá, de todas as idades.

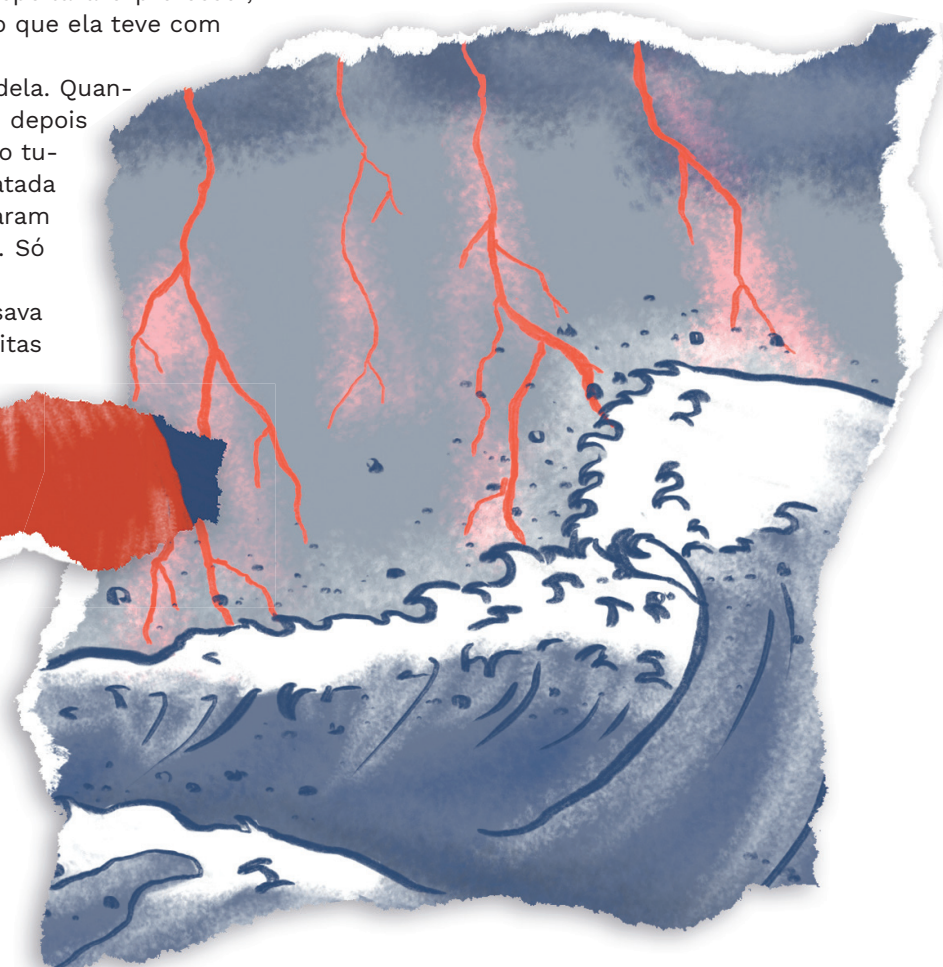
Por causa da barreira linguística, ela não conversava muito com as outras, mas observava muito. Ela via como muitas



mulheres paravam de receber visitas, e mesmo depois de estarem sãs, não iam embora. Meu avô vinha de dois em dois meses visitá-la (ele trabalhava em fazenda também, então era muito caro fazer a viagem), e os dois tiveram um **omiai***, então era sempre um mistério para ela quando ela ia ser abandonada ali, como aconteceu com as outras mulheres.

Durante dois anos ela sofreu esse terror psicológico, não sabendo se meu avô iria ou não aparecer. Mais tarde ela ouviu de uma cunhada dela que a sua sogra tinha falado pro meu avô para deixá-la por lá, que ela arranjaria outra mulher para ele caso fizesse. Graças a tudo que é sagrado ele não a ouviu.

A terceira e última história, não é da minha bachan, mas do meu **dichan*** (só que foi ela que me contou). Quando meu dichan tinha lá pelos 10 anos, ele



começou a ir para a escolinha da fazenda que também tinha poucos japoneses. A família dele na época tinha vindo pro Brasil porque o avô dele (político no Japão) acabou gastando todo o dinheiro da família em apostas, o que os tornou pobres.

Ele pegava um caminho grande e de terra batida para a escola, e como ele passava o dia todo estudando a mãe dele mandava um obentô para ele. Entretanto, tudo era muito difícil na época, então a comida era colocada em uma lata de milho antiga. Ele morria de vergonha por isso, e os colegas dele que já zombavam dele simplesmente por ser japonês, também zombavam dele por isso.

Envergonhado, ele começou a deixar a lata escondida atrás de uma pedra no caminho para a escola. Depois no caminho de volta ele comia, mas, para isso, passava o dia todo sem comer. Então, um dia, voltando para casa e indo buscar a lata com comida, avistou um cachorro comendo a marmitta dele. Ele voltou para casa com fome e com a lata vazia, mas ele nunca mais deixou a lata com comida para trás.

***Bachan:** Avó em japonês.

***Dichan:** Avô em japonês.

***Omiai:** É o nome do costume japonês de realizar um casamento arranjado.

minha becham veio para o vi...
em um navio quando tinha 5 anos
a família acabou vivendo dentro de...
fazenda trabalhando para...

Meu avô vinha de doi...
em dois ~~meses~~ meses vis...
la (ele trabalhava em faz...
também, então era muit...
caso ir e voltar),
tiveram um omiai (c...
samento arranjado), então era...
mistério para a s...



Dualidade

Por Rebecca Hibari de Oliveira

Existem dois lados de um fio,
duas extremidades totalmente opostas,
e eu não sei que lado escolher
ou a qual pertença.

Sempre fui arremessada pelos outros
de um lado ao outro,
muito disso, pouco aquilo.
Diziam como um elogio,
que não me parecia com o que eu dizia ser.

Diziam com nojo,
sobre como as minhas dobras do pescoço não eram rosadas,
e sim, amareladas.

Tenho muito de Brasil para ser Japão.
Então busco mais, com medo.
Tenho muito de Japão para ser Brasil.
Então finjo às vezes.

Tenho documentos que não sei ler,
e não sei dizer minha nacionalidade ou naturalidade,
nem ao menos se são duas coisas diferentes,
e que tipo de coisa que define cada uma.



Estrangeira a qualquer lugar que eu vá,
onde eu devo dizer que é a minha casa?
Devo dizer que sou moradora do meio?
Meio entre partes que me fazem parte,
fui dividida ou acrescentada?

De tantas vivências possíveis e existentes,
eu só tenho uma.
Na história da minha família,
sinto como se estivesse de passagem,
como observadora sobre outras vivências.

Penso como poderia ser diferente
se eu tivesse um pouco mais do outro,
se pelo menos me fizesse mais semelhante aos meus irmãos, ou me ajudasse a
escolher um lado.

Eles mesmos me afastam do lado deles,
sou menos,
não vivi,
não pertença,
assim como eles também não pertencem,
mas ainda assim, mais que eu.

Então eu corro para o outro lado,
e não me acolhem,
fico de fora,
não nasci.
E não sei se quero realmente fazer parte desse lugar,
somente desse lugar.

Existem mais pessoas nesse meio junto a mim,
e eu posso pertencer ao meio junto a elas
que não somente estão divididas entre culturas.



A questão de pertencer me atinge
por meio de outras áreas,
em que me fazer estar também ao meio,
e me fazem ser quem sou.

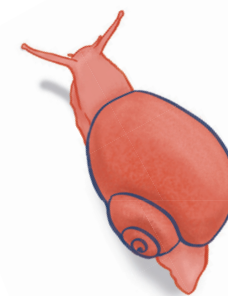
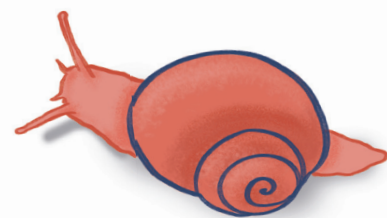
Com pedacinhos de tantas outras coisas,
eu deveria, realmente,
finçar uma âncora em um lugar?
Deveríamos?

Pertencer fixamente ao meio
e escolher um lugar para ser seu?
Ou pertencer ao trânsito
e aceitar carregar a casa nas costas?

Por mim,
faria-me facilmente um caramujo.
Os outros, porém,
todos aqueles com suas casas em lugares fixos,
continuam me perguntando incessantemente o meu endereço, ou me fa-
zendo morar em seus porões contra minha vontade, definem todo dia ao
ler meu nome e ao olhar meu rosto onde eu moro.

Não me escutam quando digo,
presumem que estou falando coisas erradas,
assim como quando criança,
assumiam que eu escrevia meu nome errado
e escreviam o nome que achavam ser o certo.

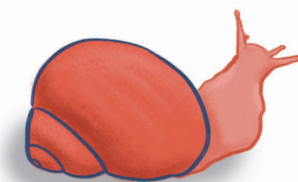
Eu deveria apenas ser forte
e ter certeza de quem eu sou
e onde me encontro,
mas, quando tantas pessoas lhe dizem que está errada
sobre essas coisas,



eu questiono se tenho realmente certeza,
e, para falar a verdade,
eu não tenho.

Eu não tenho certeza sobre nada,
também acho que não devo ter,
pelo menos não precisaria,
poderia só viver e existir,
se não fosse a curiosidade do outro
me fazendo desaparecer.

Então tento ser fiel a mim,
lembrar-me de que moro em mim,
e guardo um pouco dos outros,
que me acrescentam,
sem me tirar nada das possibilidades
do que posso ser.



Nomes são coisas poderosas. Servem como marcadores de identidade e ~~uma~~ espécie de mapa localizando a pessoa no tempo e na geografia. Mais do que isso, podem ser uma bússola. Por fim, escolheu as ~~duas~~ coisas. Para que eles soubessem de onde vinham. Para que soubessem para onde iam.





Precisava me (Re)encontrar

Por Victoria Lam

Reconhecer-me **sino-brasileira*** foi um processo que já estava presente em minha vida antes mesmo de compreender que eu precisava me aceitar. Tenho ascendência chinesa por parte de mãe e portuguesa por parte de pai, o que foi uma coisa que, em muitos momentos, me trouxe dúvidas para afirmar sobre quem eu sou enquanto crescia.

Sempre pareceu fácil, eu me olhava no espelho e via meus traços, eram os olhos puxados, a pele levemente amarelada, o cabelo liso, o nariz batatinha, e era isso, estava ali mesmo e eu não tinha como negar. A extensão de entender quem eu era também estava presente na forma que os outros me viam, na sala de aula eu era a única asiática-brasileira por anos e, logo isso virou a identificação sobre mim, mas também a justificativa de todo meu ser.

Eu tirava boas notas por “ser” chinesa, também era quieta em sala. Lembro-me do desconforto de quando fui a única pessoa que todos olharam na sala quando um professor disse que sonhava se relacionar com uma mulher asiática, como se eu pudesse ser a possível solução.

Do inocente apelido “Pucca” a situações como essas, em mim foi crescendo uma repulsa sobre ser vista dessa forma, eu não queria me limitar a projeções irreais e, assim, a escola me ensinou a querer ser branca. Ter crescido em uma família mestiça só facilitou a abertura desse caminho, eu queria de toda forma ser vista como branca, encontrava vias para isso e naturalmente usufruía de diversos privilégios sendo vista como branca. No entanto, comentários estereotipados e preconceituosos sobre minha ascendência sempre me lembravam que eu jamais seria branca.

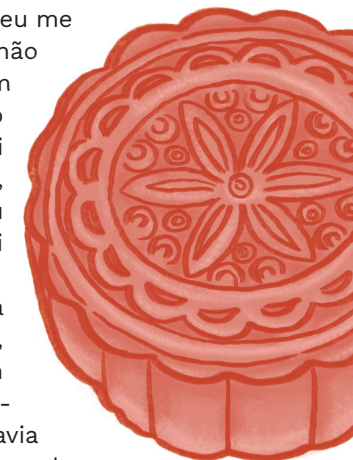


Então, quanto mais eu me afastava de me reconhecer, mais eu me aproximava de pessoas e momentos que me faziam lembrar que não tinham problemas em ser quem sou. No ano seguinte à formatura, em 2016, tive a oportunidade de fazer um curso de escrita em São Paulo e a sala de pouco mais de 20 alunos era diversa, diferente do que fui habituada em todos os anos de escola. Diversa em raça, sexualidade, classe social, tipos de corpos, gênero e mais, era um lugar que eu pude me encontrar e permitir ser quem por muitos anos eu reprimi na adolescência.

Entre as várias amizades que fiz, eu conheci a Júlia, uma **nipo-brasileira*** que me apresentou grupos de feminismo asiático e, desde então, diminuíram os momentos de afastamento e cresceram os de aproximação da minha conscientização racial enquanto amarela. Nessa época, eu reencontrei um livro da minha infância que havia escritos em chinês em meio ao texto em português, assim, a lembrança de me reconhecer no livro veio à tona. Então, aquele sentimento me preencheu e me lembrou de todas as coisas que eram boas e reais sobre ser asiática-brasileira, longe das projeções estereotipadas que me afastaram desse reconhecimento.

Ver-me sino-brasileira me possibilitou conhecer outros asiáticos-brasileiros que compartilham de muitos dos sentimentos e inquietações que tenho, assim, pude participar de grupos de estudos para refletir sobre meu lugar no mundo. Isso me fez aproximar de minha **Popó*** e me instigou a dedicar minhas criações enquanto cineasta e artista para registrar narrativas como as minhas.

Quando penso em mim, lembro muito da história do Frankenstein e como a construção dele foi feita a partir de pedaços dos outros, de certa forma me sinto assim por ter vivido em uma família mestiça, mas principalmente por me fazer perceber como eu me construí com os meus, acho que não existem conforto maior do que entender quem se é.



***Sino-brasileira:** Na história acima, é alguém brasileiro e com ascendência chinesa.

***Nipo-brasileira:** Na história acima, é alguém brasileiro e com ascendência japonesa

***Popó:** Avó materna em cantonês





Quando me descobri amarela

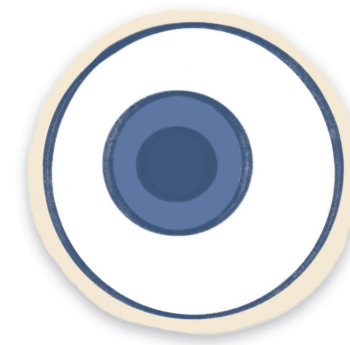
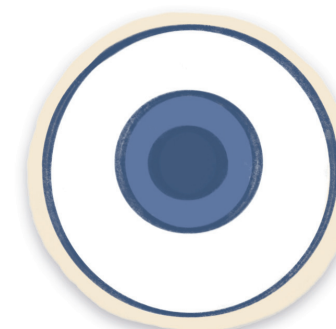
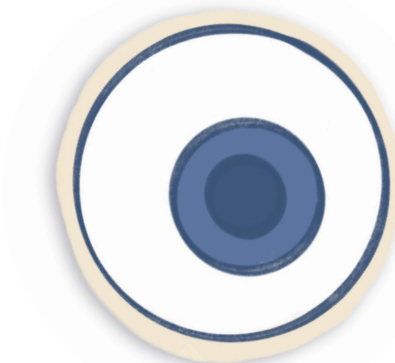
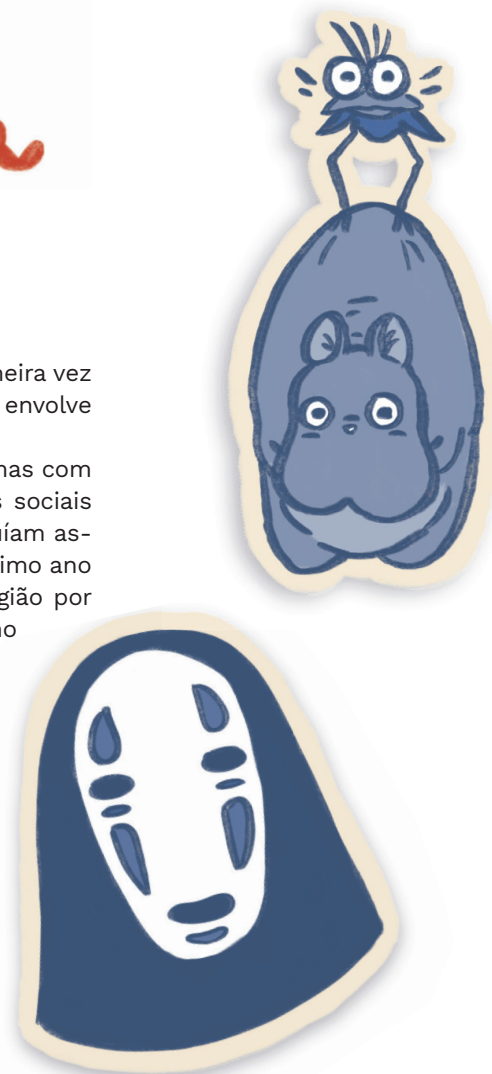
Por R. T.

Lembrei dessa história quando li na internet a pergunta “Quando foi a primeira vez que você se percebeu amarelo?”, então parei para pensar que essa pergunta envolve muitas questões de não-pertencimento e busca pela própria identidade.

Nasci e cresci no interior de São Paulo, em uma cidade pequena, mas com forte colônia japonesa. Então, até meus 16 anos, 90% dos meus círculos sociais eram de nikkeis também; na sala de aula, apenas 2 ou 3 alunos não possuíam ascendência japonesa. Até que ganhei uma bolsa de estudos para cursar o último ano do ensino médio em outra cidade, no litoral do estado. Já conhecia a região por sempre passar as férias na praia com a família, mas permanecia lá por no máximo 1 ou 2 semanas. Por isso, a oportunidade de estudar em uma cidade maior e com sistema de ensino bem estruturado parecia imperdível.

O primeiro choque foi entrar na sala de aula e ver que, da sala de 40 alunos, havia apenas outro nikkei - quando o ‘normal’ para mim era o contrário, sempre. Ao andar na cidade para fazer compras ou passear, sempre recebia olhares de estranhamento ou curiosidade, como se eu fosse de outra espécie. Todavia, esse ainda não foi o momento que de fato me percebi como amarela.

Esse momento ocorreu quando estava em aula e fui notada por um dos professores. Descontraído e brincalhão, era considerado um dos mais queridos por todos os alunos, inclusive por mim. Entretanto, nesse dia, ele fez uma piada sexual, olhou para mim e perguntou “Entendeu,



japa? Você parece quietinha, mas já sabe ou não sabe?”. Continuou, dizendo que tinha ouvido falar que a vagina das japonesas era diferente e que tinha curiosidade em saber como é, até que disse: “É assim mesmo ou não é, japa?”.

Ao ouvir essa pergunta preconceituosa e o som das risadas dos demais alunos eu percebi que era claramente diferente dos demais. Por mais que me esforçasse para agir como todos e não chamar a atenção, só o fato de ser amarela me tornava alvo de estereótipos e microagressões desse tipo.

Por não ter rido da fala do professor e mantido a cara fechada, um colega me disse que eu era muito séria e deveria levar mais na esportiva. Depois desse episódio, passei a ficar mais sensível com brincadeiras ‘inofensivas’ e sentia que a cada olhar eu era julgada pelos meus traços. Isso acabou afetando a forma com que eu me relacionava com os outros colegas, e passei a ter a fama de grossa e intolerante. Quando penso nisso, acho curioso como foi um episódio tão marcante para a minha construção identitária como pessoa amarela, mas com certeza para o professor e meus colegas só foi um dia comum que já nem se lembram mais.

Desde então pude perceber que, mesmo inconscientemente, sempre busco dar preferência a ambientes e círculos sociais que possuam outros descendentes asiáticos. Não sei definir exatamente o motivo, mas talvez me sinta mais segura e livre de estereótipos quando tenho outras pessoas que possam entender minha vivência com mais propriedade.





Quando fui viver fora do ninho

Por Fernanda Tiemi Tubamoto

A minha vida inteira morei numa cidade em que ver pessoas amarelas pelas ruas é bem comum. Na minha escola, por exemplo, quase metade dos estudantes era amarela. Entretanto, depois que me formei no ensino médio e fui estudar em Minas Gerais, algumas coisas mudaram.

Não tinha quase nenhum amarelo na faculdade. Dos que via por aí, a maioria era intercambista. Sentia-me como um peixinho fora d'água, até porque recebia muitos olhares curiosos, além de, na primeira vez em que botei o pé no campus, eu e minha mãe recebemos uns gritos de um cara aleatório num ponto de ônibus que dizia: “China in Box!”.

Apesar disso, o tempo foi passando e fui criando amizades muito boas e bastante fortes. Até que um dia, um desses meus amigos soltou um “pastel de flango” direcionado a mim. Fechei a cara no mesmo instante e vi que ele ficou incomodado, mas acabamos não falando mais disso naquele dia.

Algum tempo depois, chamei ele pra conversar sobre aquilo, e ele se desculpou bastante e disse que, como não estava acostumado a conviver com pessoas amarelas, não tinha consciência de que a expressão poderia ser ofensiva. Depois disso, ele começou a se policiar mais em relação aos termos que utilizava.

Por conta de toda essa situação, comecei a me inteirar mais a respeito da vivência amarela no Brasil, principalmente em regiões em que é mais escassa. Isso foi, inclusive, tema de um trabalho final de uma matéria de fotografia que tive na faculdade. No caso, é uma fotorreportagem falando sobre os contrastes entre ser nipo-brasileiro em Minas Gerais e em São Paulo. Tive que fazer esse recorte prin-



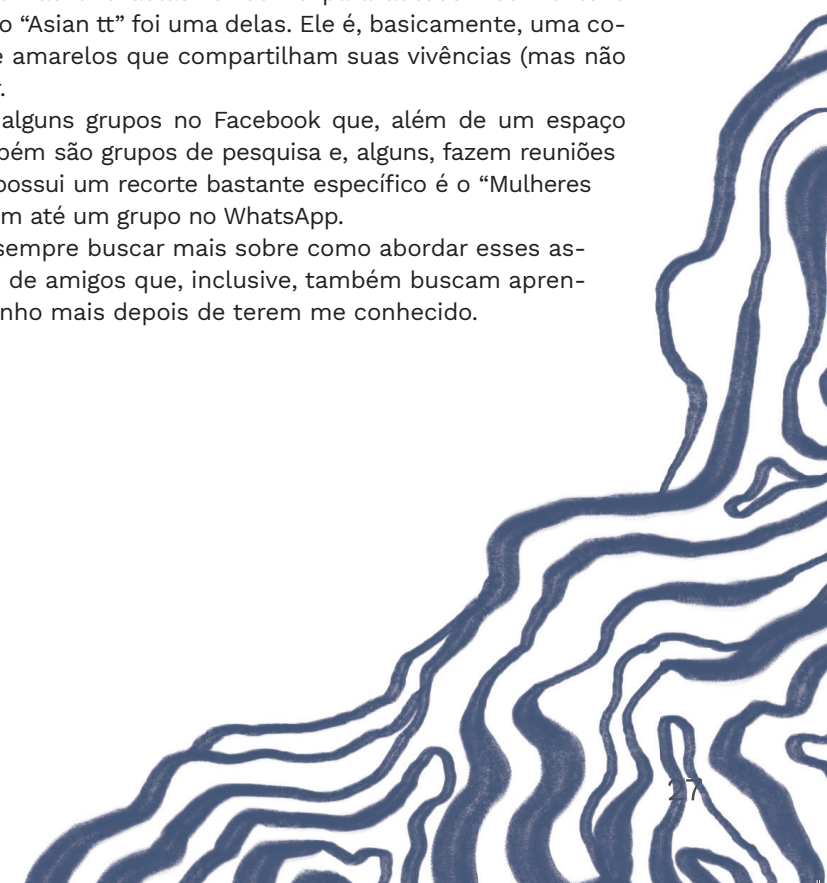
cipalmente por conta das minhas fontes e da minha relação com o tema que, por mais familiar que tenha sido, ainda era muito superficial e não teria capacidade de abordar outras nacionalidades.

Nela, não cheguei a citar o meu próprio caso, mas usei os relatos a meu favor. Cheguei a abordar o assunto numa roda de conversa que tive no meu centro acadêmico e, a primeira instância, o que recebi foram risadas sutis da “piadinha” que fizeram comigo. A proposta da roda era o acolhimento de quem estava morando sozinho e longe de casa, e o que menos senti naquele momento foi, de fato, acolhimento. Por isso, tentei explicar um pouco mais sobre as microagressões que tinha sofrido, e pareceram mais compreensivos, mas ainda assim não foi um bom momento para mim.

Já faz mais de um ano que todas essas coisas aconteceram, e o período de quarentena em que não tive aulas foi ótimo para autoconhecimento e descobertas. O chamado “Asian tt” foi uma delas. Ele é, basicamente, uma comunidade não oficial de amarelos que compartilham suas vivências (mas não apenas isso) no Twitter.

Depois dele, vieram alguns grupos no Facebook que, além de um espaço de acolhimento, também são grupos de pesquisa e, alguns, fazem reuniões semanais. Um que possui um recorte bastante específico é o “Mulheres Amarelas”, e elas têm até um grupo no WhatsApp.

Hoje, tento sempre buscar mais sobre como abordar esses assuntos no meu grupo de amigos que, inclusive, também buscam aprender sempre um pouquinho mais depois de terem me conhecido.





Meu nome é Marian

Por Marian Koshiba

Meu nome é Marian. Nasci em uma cidade em que a colônia japonesa é muito presente e muito forte. Entretanto, nunca me senti integrada nela, pelo contrário: algumas das minhas lembranças de infância envolvem certa rejeição de alguns descendentes de japoneses para comigo.

Nunca entendi ao certo o porquê. Talvez por não ser de uma família tradicional ou super engajada e envolvida na colônia, quem sabe por eu nunca ter feito parte do rol de atividades esperadas de uma descendente ou ter mais amizades com não-descendentes os incomodava. Enfim, talvez por eu ser muito diferente do que se esperava de uma “oriental”... nunca saberei.

No entanto, isso fez com que eu me afastasse e em certo ponto rejeitasse internamente parte da minha ligação com minha ancestralidade por muito tempo, mesmo não sendo uma pessoa branca. Minha ascendência influenciou minha vida, tanto no sentir que eu deveria ser a incorporação da minoria modelo, ou porque eu deveria estar de acordo com os estereótipos, quanto pela forma fetichizada com que as asiáticas são vistas. Todavia, ao mesmo tempo, não me encaixava também no padrão estético e nas expectativas do mundo eurocêntrico.

Então, nessa confusão toda entre dois modelos em que eu não me enxergava plenamente, com pitadas de machismo presentes nos dois mundos e que massacram ainda mais as mulheres, eu quis me encaixar em algo. Assim, nessa ânsia humana de pertencer, eu sufoquei a minha verdade, a minha essência e a pluralidade linda que cada ser humano tem além dos rótulos. Eu desempenhei o papel da parceira submissa e recatada, eu já segui a carreira tradicional, eu já silenciei meus modos e vocações. Entretanto, a autenticidade grita e chuta a porta em algum momento.

A minha revolução começou por volta de 2013, ao sair de um relacionamento abusivo de anos, tive que me redescobrir e me reconstruir como pessoa, nos

meus gostos, nos meus jeitos, no meu valor e na estima. Assim, tive que me autoconhecer até o fundo da alma. O processo resultou no abandono de vez da minha tentativa de seguir na carreira jurídica pública, para empreender numa startup de viagens e seguir minhas veias artísticas, cantando, compondo e escrevendo.

Hoje, cada vez menos preocupada com padrões de quaisquer lados e mais alinhada com o que me ressoa verdadeiro, sigo mais feliz e mais segura que antes - e me reconciliando com minha ancestralidade ao entender cada dia mais os processos que passei de forma inconsciente no passado.



Abra a câmera do Spotify.



sei que fui e serei p^o
 Mas no meio ~~termo~~ termo, escolhi a
 Flor do agreste. Delicadeza resistente, f^o sobrevivente
 De ~~le~~ levas e amores in ~~se~~
 Então não pensei
 foi tudo sorte
 Que meu riso
 Que m

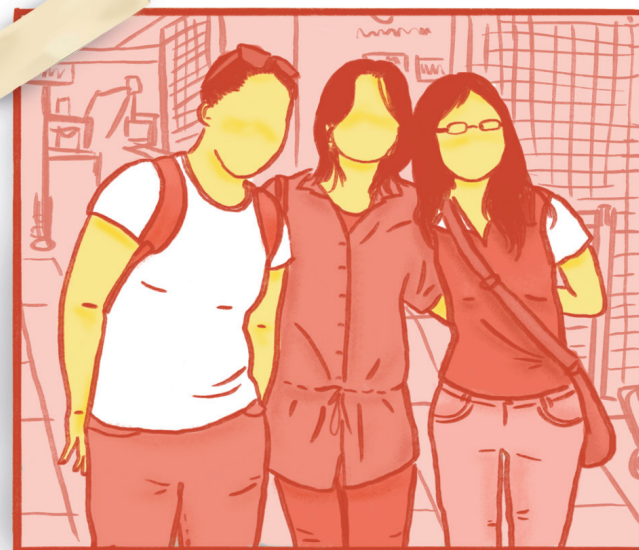
Crise de Identidade

Por Karin Ueda

Meu nome é Karin e tenho ascendência japonesa. Meus avós e meu pai são japoneses, já minha mãe é descendente e nasceu no Brasil, mais especificamente em Belém do Pará, assim como eu. Por muito tempo, eu me senti muito mais japonesa do que brasileira, já que, antes de completar meu primeiro ano de vida, eu estava no Japão por conta do falecimento do irmão do meu pai. Consequentemente, minha primeira língua foi a japonesa.

Voltei ao Brasil, em Curitiba, após 1 ano, como não sabia falar quase nada de português, senti muita dificuldade em me comunicar com as crianças da escola e com a professora. Aos trancos e barrancos, fui aprendendo, mas sempre tive vergonha de perguntar os significados de algumas palavras durante as aulas, porque as crianças da sala adoravam zombar de gente que não entendia as palavras “básicas”. Lembro que fiquei muito feliz quando estava na segunda série do fundamental e um dos alunos perguntou para a professora o significado de uma palavra que eu sabia o que era!

Em casa, sempre tivemos vários costumes da tradição japonesa, como tirar os sapatos ao entrar em casa e comer com **hashis***. Na escola onde estudei, até que havia muitos descendentes asiáticos, talvez uns 30%. E, mesmo assim, já fui zombada por ter olhos “puxados”, e sempre tinha gente fazendo comentários aleatórios como “arigatou, sayonara!” enquanto passava pelo corredor. Além disso, aquela piada infame de “você é nissei, sansei ou não-sei?” era constante. Até que, na 8ª série, eu fiquei muito amiga de duas nipo-brasilei-



ras e frequentemente estávamos juntas. Com isso, vieram vários questionamentos se éramos irmãs ou primas porque os brancos sempre nos achavam iguais. Felizmente, isso não abalou nossa amizade e continua firme até hoje.

Em 2012, ganhei uma bolsa de estudos da **JICA*** para estudar durante 10 meses em Sapporo, uma cidade ao norte do Japão. A experiência em si foi incrível, pois pude vivenciar minha cultura e conhecer vários **nikkeis*** de diversos países, além dos próprios japoneses. Então foi aí que tive uma crise de identidade, pois, no Brasil, as pessoas não me enxergavam como brasileira devido à minha fisionomia. Por outro lado, no Japão, eu não me identificava 100% com os japoneses, porque os pensamentos e a forma deles se comportarem eram diferentes das minhas.

Voltei ao Brasil com esse pensamento e, em torno de 2018, comecei a descobrir vários criadores de conteúdo amarelos brasileiros que estavam promovendo discussões sobre as pautas raciais asiático-brasileiras. Nesse ponto, um mundo novo se abriu para mim e me senti muito acolhida. Isso, porque, ao ver vídeos e ler relatos de pessoas que tiveram vivências parecidas e resolveram soltar a voz para dizer que a nossa diversidade é muito maior que todos aqueles estereótipos que os brancos insistem em nos colocar - como: “bonzinho”, “educado”, “inteligente”, ou “que rouba a vaga dos outros nas universidades” e piora quando se é mulher porque aí se estende também à “exótica”, “submissa” e ao “fetiche”.

Hoje eu consigo perceber o quanto a falta de representatividade asiática nas novelas, filmes e revistas mexeram com a minha autoestima durante muitos anos. Não me sentia bonita, pois era raríssimo vermos pessoas estampadas com a nossa cara em uma capa de revista, por exemplo. Eram apenas pessoas brancas, magras e altas. Fico feliz que isso está mudando, mesmo que aos poucos e cada vez mais pessoas amarelas estejam começando a se aceitar e a se posicionar mais na sociedade.

***JICA:** Agência de Cooperação Internacional do Japão, é uma agência governamental independente que coordena Assistência Oficial ao Desenvolvimento em nome do governo do Japão.

***nikkeis:** Denominação, em japonês, para os descendentes de japoneses nascidos fora do Japão ou para japoneses que vivem regularmente no exterior.

***hashis:** Utelncílios utilizados para comer



Handwritten letters and symbols scattered across a dark blue background, including characters like T, W, E, J, I, G, C, L, N, V, R, F, K, Q, U, A, D, O, S, N, B, H, T, Y, L, W, F, J, U, C, R, C, S, M, T, P, S, N, D, B, Z, S, T, and others.

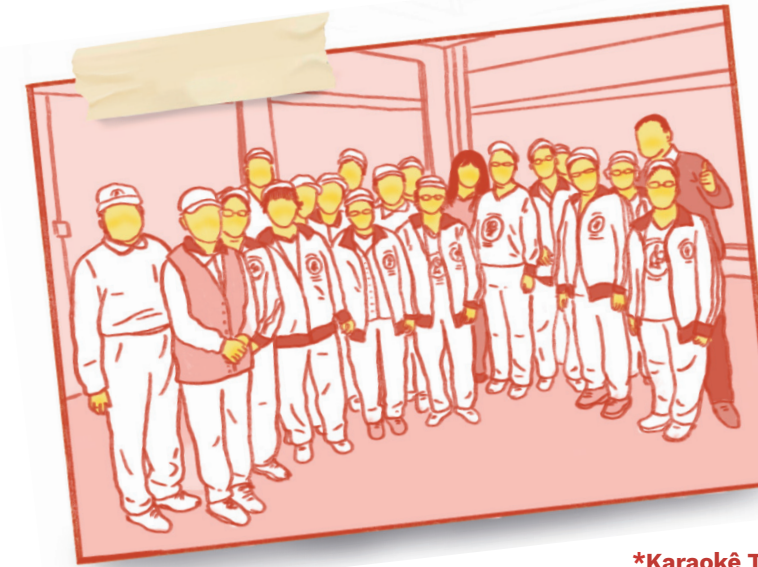
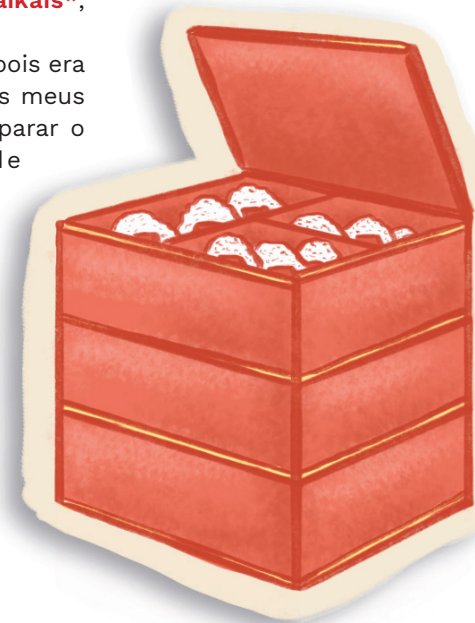
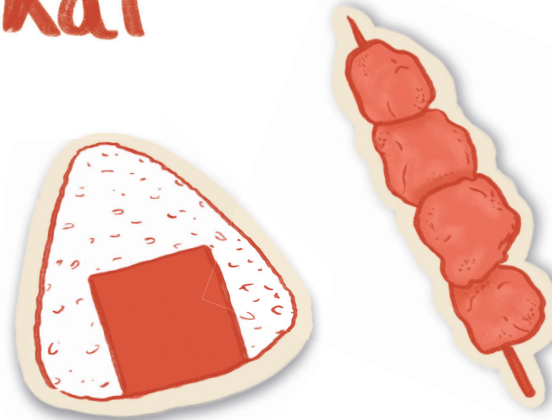
Um dia de Undokai

Por Naomi Kikuchi

Meu nome é Naomi, sou japonesa, nascida em Tóquio, filha de pai japonês e mãe brasileira com ascendência japonesa. Vim ao Brasil com 5 anos e, desde então, passei toda a infância e adolescência em Suzano, na região metropolitana de São Paulo, vivendo junto com os meus avós. Eu tive o privilégio de estudar em uma **escola nipo-brasileira*** que manteve a cultura nipônica bem viva dentro de mim. Frequentei aulas da língua japonesa, fiz aulas de **taikô***, aprendi o estilo de dança **Yosakoi Soran***, competi nos **Karaokê Taikais***, enfim, uma infinidade de coisas boas!

Uma maravilhosa lembrança dessa época foi o dia do **Undokai***, pois era um momento especial que me divertia tanto com a família como com os meus amigos. Na noite anterior a ele, ajudava a minha mãe a preparar o **obentô***, mas não era qualquer obentô, era “O obentô”: um pote grande de 3 andares, dezenas de **onigiris***, omeletes, espetinhos de frango, pepinos e o que mais entrava ali.

Já no dia, levantávamos cedo e íamos a pé para o evento, uma vez que ficava a 10 minutinhos de casa. Lá, era um torcendo e assistindo ao outro. Quando não estava eu tentando acertar as bolinhas de pano com milhos no **Tamaire Kyoso***, estava a minha avó apresentando taiko com o seu grupo de **Radio Taiko*** da cidade. O clima era de sol, céu azul, chão de terra batida, barraquinhas que contornavam o espaço, sorrisos na cara, muito suor e roupa suja de terra. A gente passava um dia inteiro aproveitando cada momento com todo mundo. Ganhar prêmios como cadernos, estojos e afins era incrível, mas apesar de tudo, ganhar só uma borracha já valia a pena por toda a diversão. Para terminar o dia, a gente fechava com **Riree***, em que todo mundo era



dividido em 4 grupos e cada um dava uma volta ali pelo espaço com um bastão na mão. Confesso que esse era o meu momento preferido! Como era gostoso sair disparado tentando alcançar os outros e depois, vibrar pelas pessoas do seu time. Por ter muita gente a emoção de acompanhar cada volta era quase que valioso: os olhinhos brilhando de expectativa. No final do dia, voltávamos para a casa e cada um mostrava o que ganhou, lapiseira, balde, detergente, óleo, canetinha hidrocor... e, claro, depois não podia faltar o banho de **ofurô*** com a minha **ba***.

***escola Nipo brasileira:** Escola que incentiva e promove tanto a cultura brasileira, quanto a japonesa.
***taikô:** A palavra Taiko significa literalmente “grande tambor”. Serve também para designar o instrumento de percussão japonês e a arte de tocá-lo.
***Yosakoi Soran:** É um estilo de dança japonesa.

***Karaokê Taikais:** Concurso de karaokê.
***Undokai:** É um evento organizado geralmente por comunidades japonesas, que une famílias inteiras com brincadeiras de diversos tipos.
***onigiris:** É um bolinho de arroz japonês, geralmente em forma de triângulo, ou de forma ovalada envolto por uma folha de nori.
***obentô:** É um tipo de marmita japonesa.
***Tamaire Kyoso:** Competição entre equipes, no qual o objetivo é encher primeiro o recipiente (ou balde) com bolinhas.
***Radio Taiko:** É uma série de exercícios rítmicos acompanhados por música e instruções.
***Riree:** É a atividade de revezamento.
***ofurô:** É um tipo de banheira tradicional do Japão.
***ba:** É uma abreviação para a palavra “bachan”, que em japonês significa avó.



Me libertar

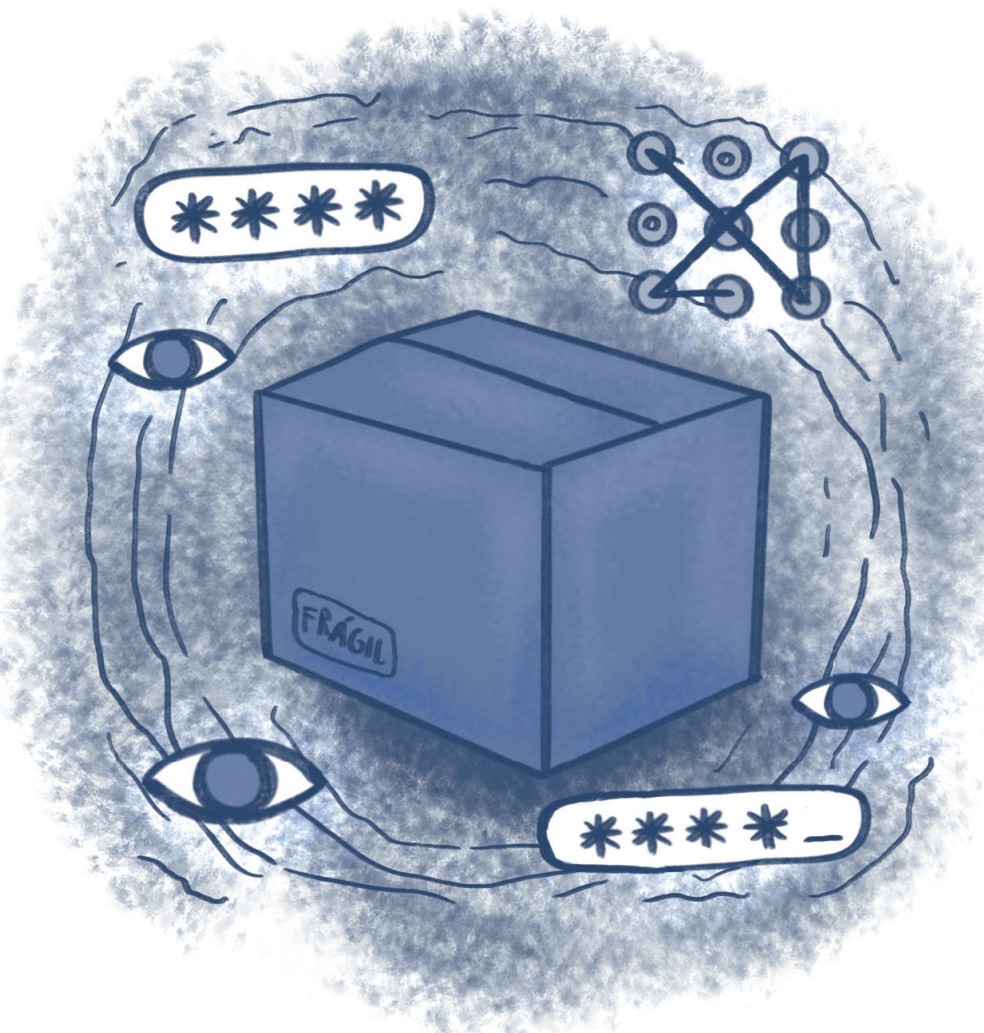
Por A. C.

Meus avós nasceram na China e Taiwan, vieram ao Brasil na década de 60. Cresci no Mato Grosso do Sul, e, desde a infância, na escola, convivi com muitos amigos de ascendência japonesa, então eu não era vista como “a diferente”. No entanto, sempre tive que lidar com crianças brancas puxando o olho por zoação, chamando de “japa”, inventando palavras como se imitassem os idiomas asiáticos, enquanto eu normalizava tudo passivamente, aceitava e tentava não ligar. Na televisão, as pessoas mais bonitas tinham cabelo loiro e olhos claros, e eu quis ser assim. Tive até vontade de estar no lugar de minhas primas, que são mestiças, pois pareciam estar menos distantes desse padrão de beleza apresentado na mídia.

Aos 14 anos, enquanto algumas amigas já ficavam com alguns meninos, eu me coloquei essa pressão de me relacionar afetivamente, e conheci um menino, branco e da mesma idade, que teve interesse em mim. Na época, sem muita autoestima, meu raciocínio subconsciente foi: “uau, alguém finalmente gosta de mim, acho que vou gostar dessa pessoa também”. Então começamos a namorar, e tudo era muito novo pra mim. Ele já tinha namorado duas meninas de ascendência japonesa antes e se autodenominava “**otaku***”, coisa que eu nem sabia o que era, nunca tinha lido mangás ou assistido a animes.

Pouco tempo depois, eu já estava tentando me adequar a esse novo padrão de beleza, das cantoras **k-pop***, das personagens de **anime*** e **mangá*** (muitas delas hipersexualizadas, objetificadas e tidas como submissas). Além disso, existia toda essa comunidade de fanáticos pela cultura asiática, o que pareceu ser um meio que valorizava minha aparência.

Eu não sabia como um relacionamento saudável deveria ser, então, quando esse primeiro namorado quis compartilhar a senha de redes sociais e demonstrou ter ciúmes de tudo, acabei me tornando possessiva também. Com isso, veio o reforço da insegurança. Se, no início, eu me sentia muito valorizada,



depois de um tempo percebi a obsessão dele por meninas com traços asiáticos no geral, então essa minha característica parecia ter mais relevância do que eu mesma, e passei a ver qualquer outra garota de ascendência asiática como uma ameaça. Parecia que ele poderia me trocar a qualquer momento por alguém com traços asiáticos que fosse mais bonita e interessada nele.

Entretanto, a rivalidade feminina não parou aí. Isso, pois eu vivia me comparando às ex-namoradas dele, as stalking nas redes sociais e tentando achar motivos para me considerar melhor que elas, afinal, ter ascendência asiática, que parecia ser o mais importante, era algo que todas nós tínhamos em comum. Nessa instabilidade, depois de pouco mais de um ano, o relacionamento terminou.

Logo criei uma aversão à comunidade otaku e só quis ficar o mais longe possível dela. Aprendi sobre os problemas da possessividade, ciúmes e falta de privacidade num relacionamento, além de me sentir melhor comigo mesma e reconhecer minhas qualidades. Contudo, foi só na faculdade, 3 anos depois, e ao acompanhar nas redes sociais mulheres asiáticas que falam do assunto que tive maior contato com as pautas do feminismo asiático. Aprendi a problematizar a fetichização (que era a pior parte desse primeiro relacionamento), passei a desconstruir aos poucos a rivalidade feminina e dar espaço à sororidade, tentando entender melhor outras mulheres e perceber que meus problemas eram, na verdade, nossos problemas, e eu não havia sido a única a passar por coisas assim.

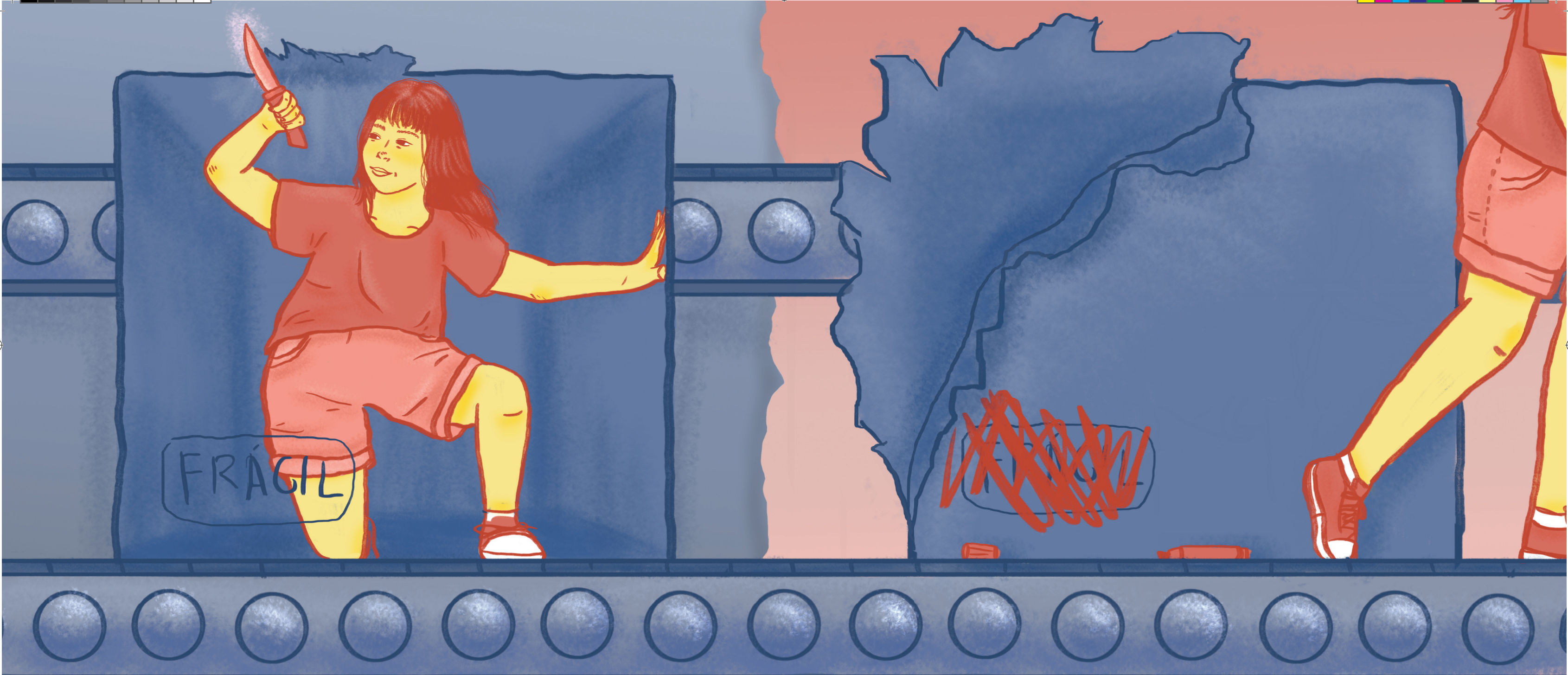
Ainda aparecem pessoas aleatórias na rua chamando de “japa”, “Jackie Chan”, fazendo graça com a minha aparência ou olhando como se fosse um animal exótico. Nos rolês da faculdade, o que não falta é homem chegando com um “oi, japa”, “nunca fiquei com uma japa” e “ouvi dizer que japa beija bem” - achando que estão elogiando! Aprendi a não ficar calada nessas situações e a construir diálogos sobre o assunto com pessoas ao meu redor. Apesar de alguns momentos bem desagradáveis, foi graças a essa trajetória (que sempre vai continuar) que procuro me tornar uma pessoa melhor e tenho orgulho de minhas origens.

***otaku:** Termo usado para definir as pessoas que se interessam pela cultura pop japonesa, em especial os animes e mangás.

***mangá:** São histórias em quadrinhos japonesas.

***anime:** No Brasil, são os desenhos animados japoneses.

***k-pop:** É um estilo musical da Coreia do Sul.





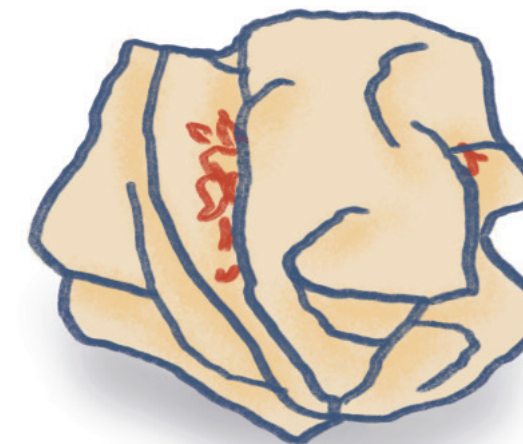
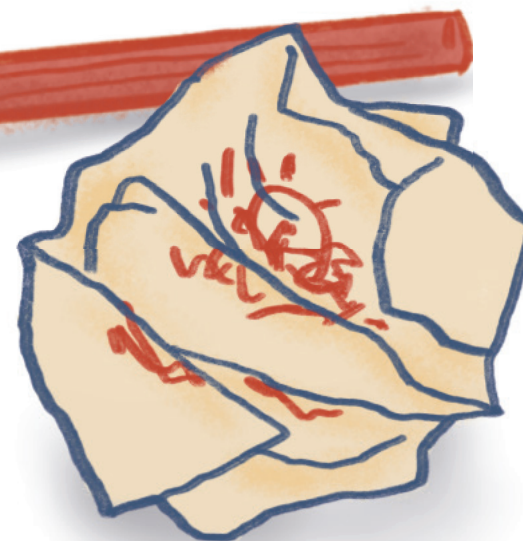
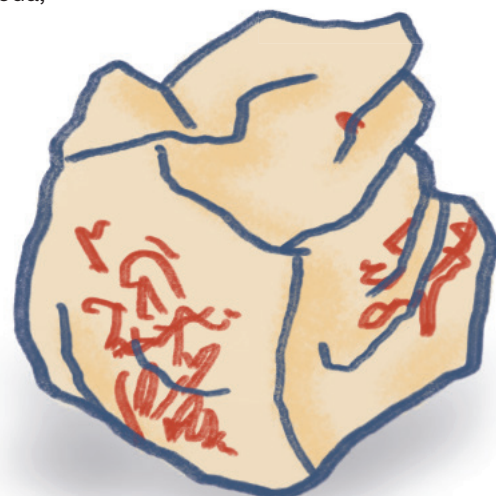
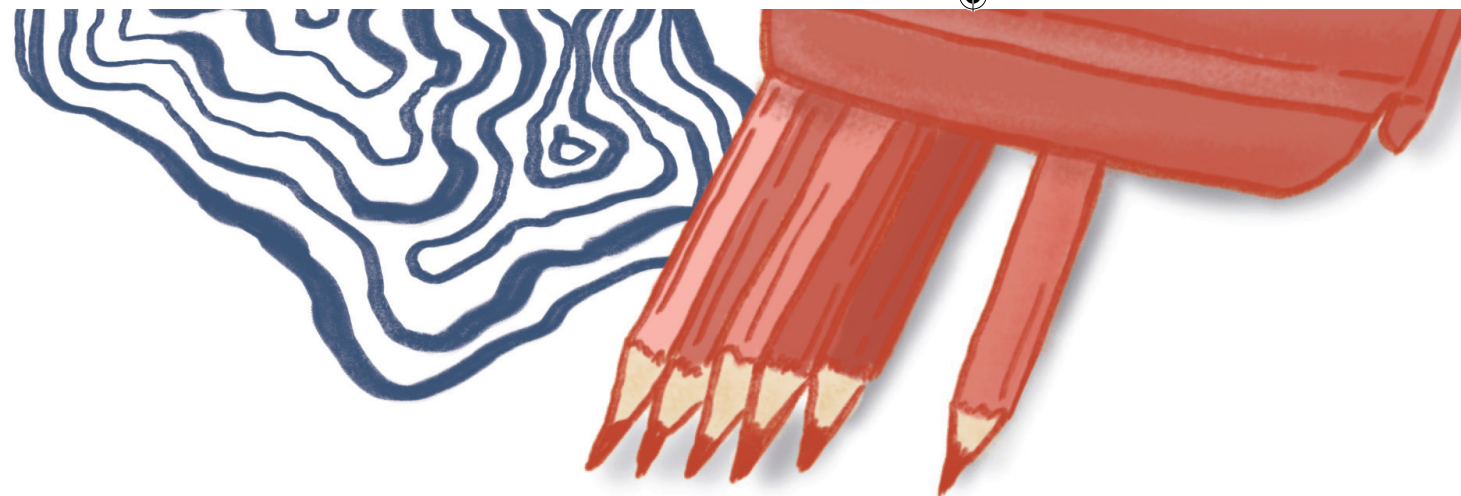
Dor

Por M. O.

Eu cresci “sozinha”, eu sou a primeira neta da minha **oba***, por parte de mãe, como eu ficava mais por lá, eu aprendi a brincar e a ficar só, acredito que por conta disso me tornei introvertida, pouco comunicativa. Depois de algum tempo, com meus 12 ou 14 anos, entrei pro **taikô***, eu era, e ainda sou, gorda, então ficava com vergonha de ir lá, sentia desconfortável e como eu já era introvertida não me socializava muito, ficava sentada no chão ou nas cadeiras, desenhando.

Uma vez conheci uma menina e nos tornamos muito próximas, quando eu ficava ao lado dela me sentia confiante e segura “alguém gosta de estar ao meu lado” pensava, até que um dia ela foi embora e eu voltei a ficar só. Conheci e me aproximei de outra menina, mas de um dia para o outro parou de falar comigo e ficava com outra pessoa. Então, isolei-me completamente, lembro que, quando eu ia embora com meus pais, eu chorava a volta toda, não suportava mais aquele lugar, por isso, eu saí do taikô.

Entretanto, eu adoro taikô até hoje. Enquanto eu praticava eu me sentia forte, feliz, incrível. Porém, voltar para o taikô seria voltar para aquele lugar que me machucou muito. Recentemente (ano passado pra ser exata), eu voltei, dei mais uma chance, um grande erro, o **sensei*** parecia me olhar diferente, as pessoas de lá diziam que sentiam minha falta, fiquei com esperança que a partir de agora tudo seria melhor... mas não mudou. Lembro-me quando eu conversava com um grupo de pessoas e elas se afastaram de mim, indo pra outro canto e conversando entre si, o que me fazia querer desabar.



Acredito friamente que, por conta de eu ser acima do peso, as pessoas se afastavam. Ao somar isso à minha timidez e à vergonha do meu físico, eu me tornei solitária lá. Com o tempo parei de ir no taikô de novo, decidi que nunca mais irei voltar, pois nunca me senti abraçada lá. Até quando as pessoas de nossa própria ascendência serão preconceituosas nesse nível? Houve uma vez, com meus 8 anos, que uma mulher perguntou quando eu iria emagrecer... e depois de um tempo falou que eu estava “cheinha”. Só de pensar nessa situação, eu choro. Fico triste, porque somos um povo cheio de cultura, mas cheio de preconceito. Por isso, hoje em dia, mantenho distância, não pelo que fizeram, hoje os perdoo, porém, ainda assim, prefiro distanciamento. Eu tento pensar que foi apenas uma fase.

***oba:** Abreviação para a palavra “obachan”, que em japonês significa avó

***taikô:** A palavra Taiko significa literalmente “grande tambor”. Serve também para designar o instrumento de percussão japonês e a arte de tocá-lo.

***sensei:** Professor, mestre, ou técnico em japonês



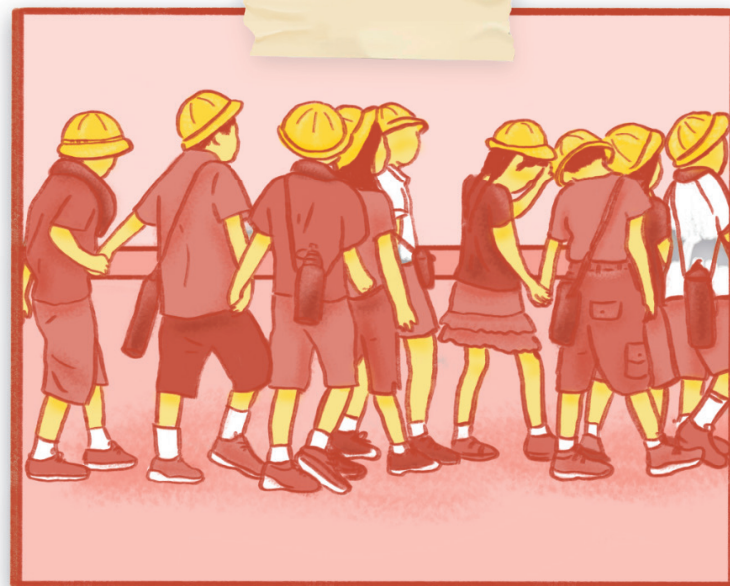
Primavera de Epífitas

Por William Hiody

Meus pais moravam no Brasil e decidiram ir morar no Japão para ter uma vida menos sofrida. Após 1 ano lá, resolveram tentar ter um filho e após algumas tentativas frustradas, minha mãe ficou grávida de mim. Para que minha avó materna pudesse acompanhar o parto, minha mãe decidiu ir ao Brasil. Então, com 1 ano de vida, retornei ao Japão e comecei a estudar lá. Aos 5 anos, minha mãe deu à luz ao meu irmão, nascido no Japão e resolvemos voltar eu, minha mãe e meu irmão ao Brasil, por conta das dificuldades financeiras e meus problemas de saúde recorrentes; meu pai permaneceu no Japão e sempre foi um pai presente, até hoje inclusive.

Ao estudar no Brasil, sofri preconceitos por ser descendente de japonês durante todo o ensino básico e médio. Apelidos como “olho rasgado”, “cego”, “japonês do paraguai” eram frequentes. Por sofrer bullying, sinto que me tornei uma pessoa extremamente introvertida, isso deixou cicatrizes.

Quando mais novo, tinha traços físicos que se aproximavam da concepção geral de “ja-



poneses”, mas ao envelhecer, esses traços físicos foram atenuados. Tenho crises existenciais por não ter tido como absorver a cultura japonesa, porém, ao mesmo tempo, sempre me disseram que eu era japonês e que deveria me comportar de X maneira, simultaneamente, nunca consegui me encaixar na identificação de “ser brasileiro”. Não me sinto pertencente a nenhuma dessas duas pátrias. No Brasil, sou visto como japonês, no Japão sempre fui visto como brasileiro. Não há acolhimento em nenhuma delas.

Estou terminando minha graduação em uma Universidade Federal em Psicologia, sinto que esses temas e reflexões em minha vida começaram a aflorar de maneira tardia, eu poderia ter remediado algumas características e cicatrizes permanentes se tivesse refletido sobre isso antes. Entretanto, ainda ouço comentários de pessoas do meu círculo social: “mas por quê você é descendente de japonês? você não tem cara, você não pode ser japonês, você é brasileiro!” em que, novamente, as crises de identidade são evocadas devido às pessoas terem tanta “certeza” sobre os outros.

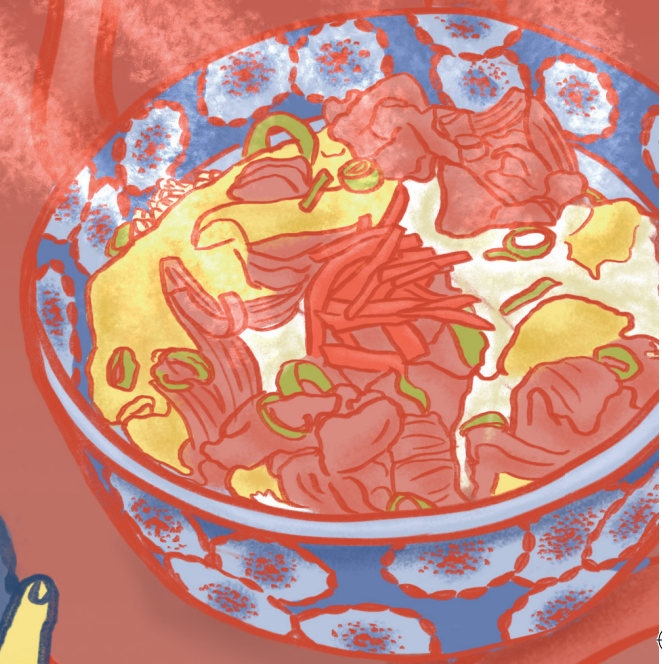
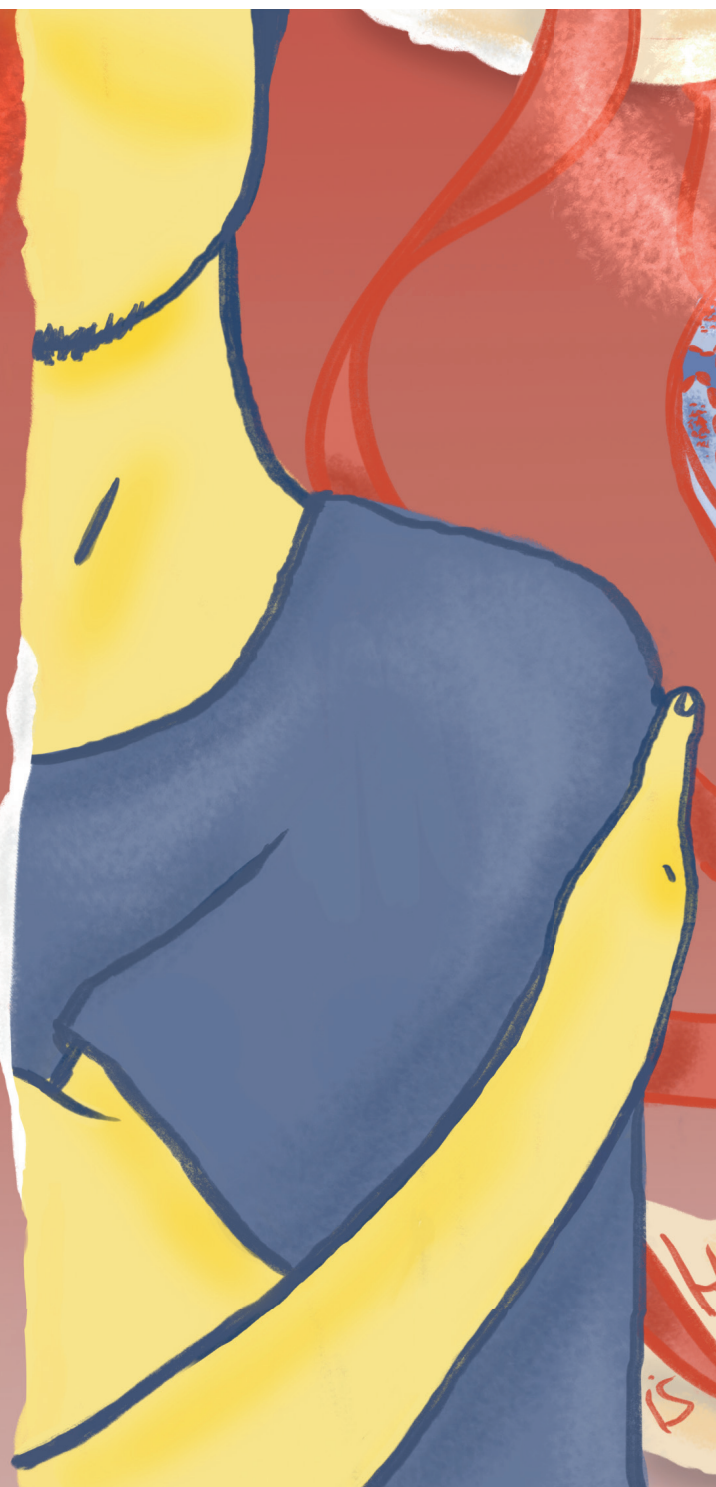
Minha família teve que voltar ao Japão pois estamos com problemas financeiros e de saúde, além de meu pai já ter idade avançada. Meu irmão agora é maior de idade e sempre sentiu que, embora tivesse sido criado no Brasil, precisava voltar às suas origens. As condições de vida para os estrangeiros no Japão não são fáceis, são exploradoras e limítrofes. Minha família no Japão se encontra em sofrimento, mas sofrem calados pelas dificuldades vivenciadas. E, cá estou eu, que em uma atitude egoísta ou não, optei por terminar minha graduação antes de voltar ao Japão. Enquanto isso, vejo a amulheta de areia se esvaír e o tempo que tenho para viver com meus pais passando em um piscar de olhos.

Sinto estar incompleto o tempo todo por não conhecer melhor, de fato, um local onde vivi parte da minha vida. Preciso tentar me encontrar, e, talvez, voltar onde minhas identificações neste meu curso de vida são maiores, em que minha família se encontra. Local esse, que tão pouco conseguirá me abrigar por eu já ser “brasileiro, o estrangeiro”. Essa sensação de não-pertencimento me assola e talvez sempre irá fazê-lo.



It's a little bit ~~funny~~ funny
 feeling inside. I'm not one of those
 who can easily hide. I don't have much
 money
 boy, if I did, I'd ~~buy~~ buy a
 big house where we could
 both live =)

I hope you
 I hope
 put
 that I ~~put~~
 words



How wonderful life
 is while you're in the world

Estrangeira no seu próprio país

Por Cristina Chen

Como os meus pais são chineses, eu cresci em um ambiente em que as demonstrações de carinho e afeto como abraços e palavras de incentivo não eram tão comuns assim, diferentemente dos meus amigos brasileiros que gostavam de abraçar e de dizer “eu te amo”, por exemplo. Isso me deixava confusa quando era mais nova, pois me fazia acreditar que os meus pais não me amavam e que eram rígidos comigo, e, com isso, eu me cobrava demais para tentar impressioná-los e receber em troca alguma palavra de apoio. Mais tarde, eu comecei a entender melhor que esse era o jeito deles, assim como de outros asiáticos, e que eles demonstravam que me amavam de outras formas, sem ser em palavras, mas com gestos e atitudes sutis.

Às vezes não me sinto pertencente nem na China e nem no Brasil. Lembro que quando fui à China na última vez (eu só fui lá duas vezes, nessa última e na primeira quando eu era apenas uma criança), senti-me como uma estranha algumas vezes, apesar da viagem ter sido maravilhosa, pois não sei falar mandarim e sei um pouco do dialeto da cidade natal da minha mãe. Assim, tenho facilidade em entender, mas a falar não, então me olhavam de um jeito estranho por eu não saber me comunicar.

Aqui no Brasil não é muito diferente. Apesar de me sentir mais pertencente ao Brasil do que a China, é muito triste ainda receber certos olhares nos lugares e ouvir comentários preconceituosos na rua quase que diariamente.

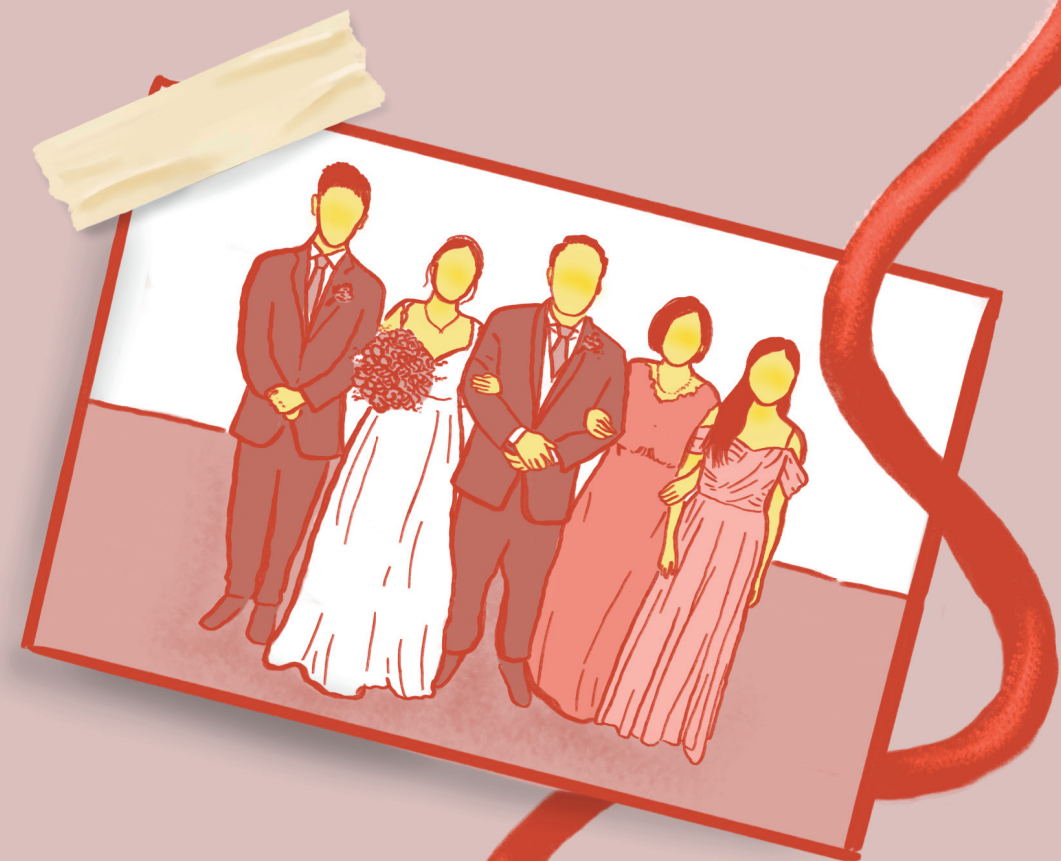
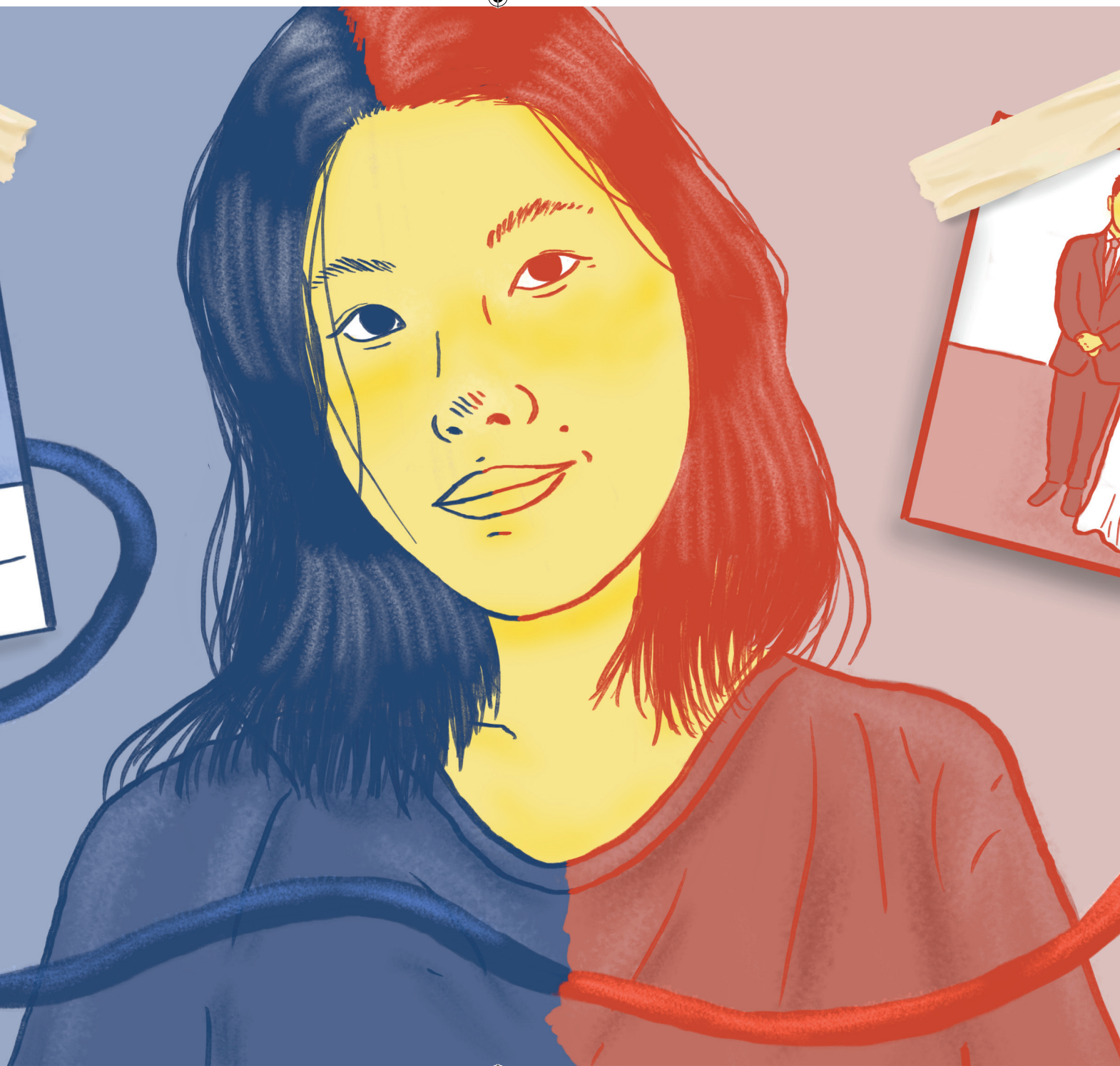
te desde pequena. Há vezes que tenho vontade de chorar e eu já chorei em casa por ter ouvido algo preconceituoso de alguém. Eu queria apenas sair na rua sem ter que passar por isso, sabe?

Além disso, fiquei com bastante medo no início da pandemia, pois tinha visto várias notícias de casos de xenofobia aqui no Brasil por conta do coronavírus. Lembro que uma vez estava pedindo um lanche em um fast food e percebi cochichos e olhares dos atendentes para mim. Nesse dia, fiquei muito sem graça e com medo de acontecer alguma coisa pior comigo depois por algo que eu não era responsável.

Ainda é difícil lidar com certos costumes dos chineses, como casar apenas com alguém que esteja bem financeiramente. Parece que eles se importam muito com isso e quem fugir desse padrão é criticado. Também é ruim ter uma idade máxima para se casar e engravidar, pois se passar dessa idade, vira alvo também de críticas. O que é diferente do Brasil, que, no geral, não tem isso. Você pode se casar com quem quiser e na idade que quiser, e eu cresci acreditando nisso, mesmo com os meus pais seguindo com esses costumes.

Eu realmente espero um dia me sentir de fato encaixada nas duas culturas, pois amo tanto a China quanto o Brasil, e sei que carrego um pedaço de cada uma dentro de mim.





Na aula de hoje

Por Gabriel Yukio Goto

Pensei no que eu poderia escrever, algum momento que tenha me marcado de algum modo, cogitei falar sobre a garota que da quinta até a sétima série perseguia a mim e outro nipo-brasileiro na mesma sala de aula. Também pensei sobre os três anos que trabalhei no comércio, em que tinha de lidar com pessoas, o que é sempre complicado e vez ou outra acabava ouvindo algo que eu preferia ignorar.

Apesar da dupla nacionalidade, o meu contato com a minha família japonesa sempre foi distante, eu nunca me senti pertencente até começar a estudar a questão da imigração, em que aceitei o meu nome. Depois que o meu pai faleceu, frequentei ainda menos o ambiente familiar japonês, o que eu me arrependo. Gostaria de ter tido mais sabedoria e perguntado coisas para os meus jichans que hoje tenho muita curiosidade de saber.

Mas foi neste ano, entre fevereiro e março, que tive que segurar o choro, dar um nó na garganta e agir como se aquilo não me abalasse. Em sala de aula, como professor, na qual eu havia estudado quatro anos para estar, foi o meu desafio. Fui trabalhar em escolas novas, com estudantes novos, em cada sala que eu entrei as mesmas perguntas foram feitas, mas eram provavelmente perguntas diferentes que fariam para outro professor que não fosse nipo-brasileiro.

Perguntaram o meu nome, a minha idade, de onde viera... e quando eu falava que era da cidade, perguntavam a verdade! Insistiam que eu dissesse que não era dali, mesmo sendo residente há pelo menos vinte anos. Até aí tudo bem, com isso eu já estava acostumado.

Entretanto, era impossível escapar do tema Coronavírus, perguntaram se eu não era chinês, se eu comia morcego, se não tinha risco de eu infectá-los. Isso não foi apenas em uma sala, foram em dez, no mínimo. A cada nova apresentação, as mesmas perguntas eram feitas, tanto que eu desisti de uma sala por não estar confortável nela, mas as outras novas não foram diferentes.



Fiquei sem reação na frente da sala, de cara fechada, tentei desconversar, não insistiram. Embora em uma das salas os outros alunos tenham percebido meu desconforto e a pessoa que fez as piadas até se desculpou, eu disse que não precisava, mas, na verdade, fiquei contente com aquilo.

São adolescentes, sei como podem ser inconsequentes e eu, como o adulto da ocasião, tinha que mostrar força que talvez não precisasse mostrar. Em sala de aula, estava congelado, mas chegando em casa consegui derreter o suficiente para chorar, mas não chorei.

A minha vida inteira eu ouvi aquelas perguntas, mesmo sem eu falar nada sobre, deduziam a minha ascendência japonesa devido à minha aparência. No entanto, se eu falava sobre ela, minimizavam-na, diziam que eu não parecia tanto assim com um japonês convencional, mas se eu não parecia, porque falavam o contrário tantas vezes?

De qualquer forma, eu sobrevivi às apresentações, havia superado. Entretanto, ano que vem, em uma nova sala de aula, em uma nova escola, já terei que estar preparado para as mesmas perguntas, pois provavelmente passarei pela mesma coisa. Infelizmente, crianças podem ser cruéis quando querem – até quando não querem, afinal.



O Eu que herdei

Por E. I.

Lembro-me de estar brincando em uma festa da escola, devia ter uns cinco anos, quando uma das crianças começou a me chamar de japonesa como uma forma de provocação. Entretanto, o que me impactou não foi ser “xingada” e sim ela saber que eu era de fato uma descendente, até então na minha cabeça ser japonesa era algo mais relacionado à cultura do que a aparência física. Logo, para saber se eu era japonesa ou não, teria que conhecer a minha família, antes disso eu me olhava no espelho e não conseguia ver a diferença entre eu e qualquer outra criança, no fundo eu estava certa, mas foi ali que eu percebi que eu era “diferente”.

Amo e não me arrependo da minha escolha de carreira, mas por muitos anos a profissão dos meus sonhos era outra, quando mais nova eu queria ser modelo e amava desfilar. No entanto, com o passar do tempo, fui percebendo que era chamada apenas para castings em que exigiam alguma asiática no contexto, então entendi que não havia espaço para mim por não condizer com o “padrão de beleza” requisitado pelas agências. Confesso que não era a pessoa mais fotogênica (risos), mas, refletindo nessa experiência, imagino quantas pessoas talentosas deixam sonhos morrerem por falta de representatividade e oportunidade.

Ao longo da minha vida, eu sempre tive a sensação do não pertencimento, se no Brasil eu sou a “Japa”, no Japão eu sou a “**gaijin***”. Com isso, todo esse conflito de identidade me fez negar minha ancestralidade, principalmente, no fim da adolescência para a vida adulta, época em que meu ciclo social deixou de ter tantos descendentes. Então, pouco a pouco fui tentando mudar aquilo que me tornava um estereótipo ou diferente só para me encaixar, ao

ponto de não querer me relacionar ou sentir atraída romanticamente por asiáticos por um longo tempo.

Por muitos anos carreguei uma visão preconceituosa de chineses, o que infelizmente é muito comum dentro de famílias japonesas, e ainda que sem conhecer de fato qualquer descendente ou mesmo questionar de onde surgiu isso, eu tomei como verdade. Isso perdurou até os meus 23 anos, quando fui trabalhar para uma família de chineses, tudo que eu acreditava foi se desconstruindo aos poucos, e, como um tapa na cara, percebi o quanto eu fui preconceituosa e hipócrita. Hoje, compreendo que eu carregava um preconceito que nasceu em uma guerra (Segunda Guerra Sino – Japonesa) que nunca vivi e tão pouco ouvi falar, mas que perdurou por gerações.

Hoje me vejo em um processo de desconstrução e reconstrução, entender minhas raízes e história me permitiu fazer as pazes com minha ancestralidade e comigo mesma, tenho orgulho de ser amarela e isso não me torna menos brasileira.

Obs.: Fugindo um pouco do contexto, recomendo o filme *Corações Sujos* baseado no livro de mesmo nome, que conta sobre a chegada da colônia japonesa no Brasil e a negação de ter perdido a Guerra. Com uma narrativa feminina e quase o filme todo em japonês mesmo sendo nacional.

***gaijin:** Em japonês, significa estrangeiro, “de fora”.



Asiático SENTE o preconceito

Por Adrieli Yukie

Era outubro de 2020. Esse ano será lembrado eternamente na vida de todes que passaram por esse combo pandemia + desgoverno Bolsonaro... Já não estava esperando muita coisa para esse ano depois do terceiro mês de quarentena e o caos pandêmico ainda instalado no país.

Não estava fazendo nada além de ficar em casa trabalhando, lendo, assistindo filmes e surtando. Então, em alguns meses, percebi algumas mudanças no meu ciclo menstrual e lembrei que estava sem fazer exames médicos, o que me fez ir à ginecologista para ver se estava tudo certo, afinal, tenho ovários policísticos e essas mudanças poderiam ser algum problema.

A ginecologista, então, solicitou alguns exames, um deles era um ultrassom pélvico para ver meu útero e ovários. Esse exame é bem chato, você tem que ficar com a bexiga bem cheia para ser possível ver os ovários e útero que ficam atrás dela. Enfim, chegou o dia do exame: bebi muita água e fiquei segurando a vontade de fazer xixi, o que chega a doer, é bem desconfortável. Já no consultório, esperei por uns 30 minutos até que fui chamada para a sala do exame. Na sala, deitei-me com a barriga para cima e aquela pressão na bexiga só aumenta, não dá pra deitar direito, dói demais, parece literalmente que você vai explodir. Esperei mais uns 5 minutos naquela posição deitada, no frio do ar condicionado, com dor e a calça já desabotoada deixando a região pélvica à mostra.

Depois a médica e a enfermeira chegaram e a primeira reação da médica foi falar:

- “nossa, tadinha... olha o tanto que a barriga tá dilatada... você tá bem cheia mesmo...”



A enfermeira completou:

- “ela tá bem cheia mesmo, eu pedi pra ela beber bastante água, nem vai precisar apertar muito na hora de fazer o ultrassom”

Eu sendo sincera disse:

- “eu to muito cheia, por favor não aperte muito não porque já tá doendo ficar nessa posição”

E aí eu recebo da médica a pior resposta que poderia receber nessa situação: - “não vou precisar apertar mesmo, mas mesmo se precisasse, não ia ser problema, ela é oriental, oriental não sente dor, e quando sente não reclama”.

A minha vontade era dar uma joelhada na cara dela, mas não podia e nem conseguiria, então eu só disse:

- “ah é?”

A médica ainda contou uma história de um paciente “oriental” que não usou anestesia e não reclamou de dor, ainda apertou a minha barriga e depois de longos minutos, terminou os exames. A enfermeira percebeu meu desconforto e começou falar de diferenças culturais entre uma “japonesa” e brasileiros, e eu só queria ir ao banheiro e ficar em paz.

Assim que consegui descer da maca, que não tinha nenhum degrau para me ajudar (eu tenho 1,55m de altura), o que dificultou a minha descida, eu deixei a médica e a enfermeira falando sozinhas na sala e sai sem levantar ou abotoar a calça para ir ao banheiro me livrar do xixi, da dor e da companhia de racistas.





Agradecimentos

Este livro não seria possível se não fosse todas as pessoas envolvidas em seu processo. Agradeço imensamente a todos os participantes do projeto, que compartilharam de forma tão pessoal e aberta recortes das suas vivências como amarelos brasileiros, que coletaram memórias e lembranças (físicas e não físicas) para me ajudar a criar ilustrações para as suas histórias. Foi realmente emocionante poder ler, reler e entender com detalhes cada uma das histórias, receber fotos e músicas queridas por vocês foi o que me fez conseguir entender e conhecer mais vocês. Obrigada por confiar a ilustração das suas histórias a mim e por colocar neste livro um pouco de vocês.

Também quero agradecer a minha família que, da sua maneira, sempre me apoiou em todas as etapas da minha vida e me incentivou e me deu o privilégio de cursar Design na Universidade Federal de Santa Catarina. Faculdade essa, que sou também imensamente grata por ter feito parte da minha trajetória e por ter acrescentado tanto na minha vida.





Textos mencionados

14

Trecho da história:

“minha bachan veio para o Brasil em um navio quando tinha 5 anos e a família acabou vivendo dentro de uma fazenda trabalhando para o dono.”

15

Trecho da história:

“Meu avô vinha de dois em dois meses visitar ela (ele trabalhava em fazenda também, então era muito cara ir e voltar), e os dois tiveram um omiai (casamento arranjado) então era sempre um mistério para ela quando ela ia ser abandonada ali com as outras mulheres”

18

Trecho do livro “O Sol também é uma estrela”, de Nicola Yoon

“Nomes são coisas poderosas. Servem como marcadores de identidade e uma espécie de mapa, localizando a pessoa no tempo e na geografia. Mais do que isso, podem ser uma bússola.

Por fim, escolheu as duas coisas.

Para que eles soubessem de onde vinham.

Para que soubessem para onde iam.”

23

Trecho adaptado do livro “Os doze sóis que se apaixonaram pelas doze luas”, de Kiáng Fei

“Pela primeira vez desde que nasceram, os dez sóis brilharam ao mesmo tempo. Eles viram não só as doze luas, mas também o mundo inteiro.”





26

Trechos adaptados da música “3x4”, de John Mayer

“Didn’t have a camera by my side this time
Hoping I would see the world with both my eyes
Maybe I will tell you all about it
When I’m in the mood
To lose my way
With words
Today, skies are painted colors of a cowboy’s cliché
And strange how clouds that look like mountains”

A autora da história escutava muito essa música na época dos acontecimentos narrados por ela.

35

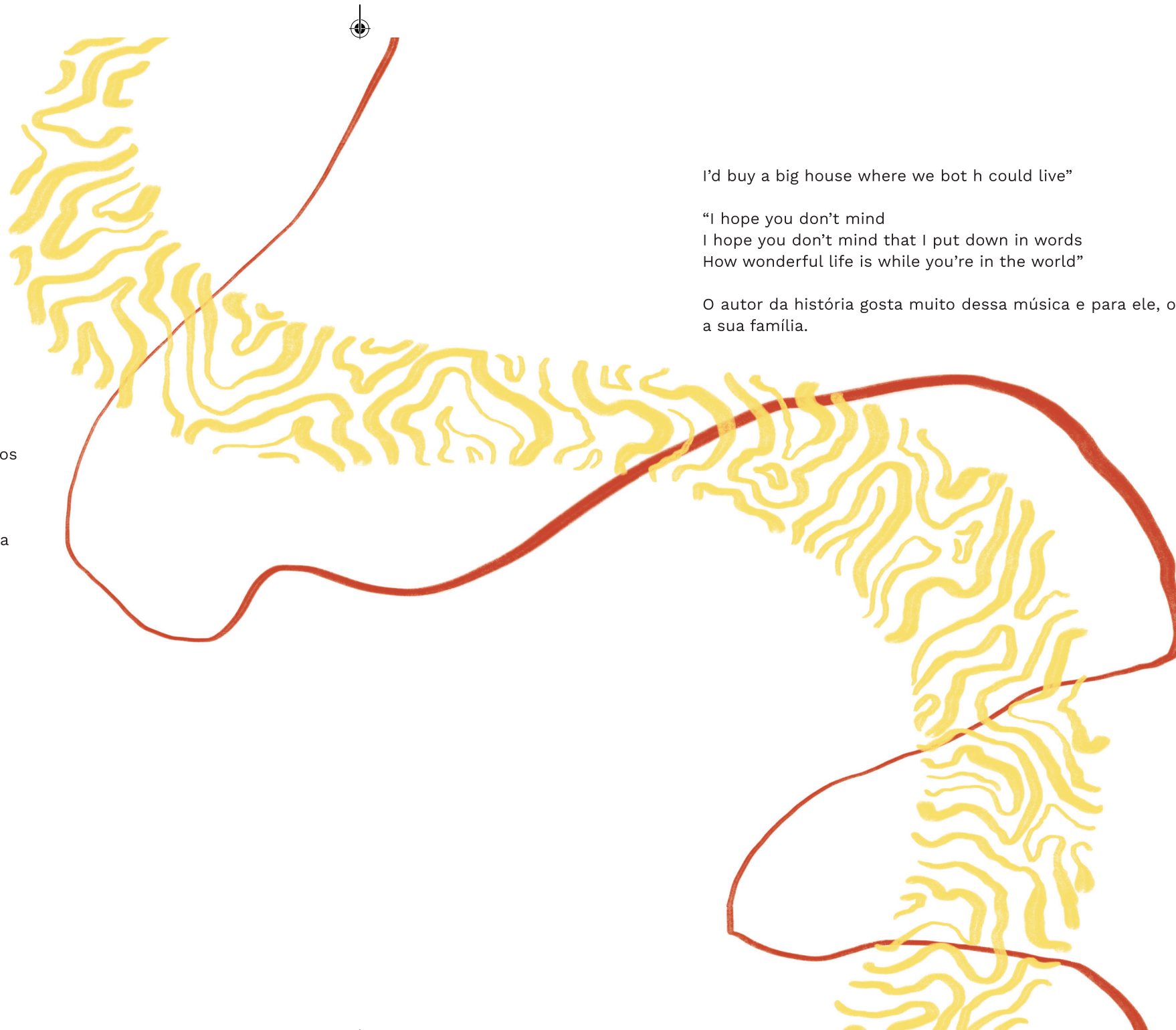
Trecho da música Semeadura (2018), da própria autora da história, Marian Koshiba

“Sei que fui pó e serei pó
Mas no meio termo
Escolhi ser semente
Flor do agreste
Delicadeza resistente
Força sobrevivente
Das terras e amores
Infrutíferas e inférteis.

54-55

Partes da música “Your Song”, de Elton John

“It’s a little bit funny this feeling inside
I’m not one of those who can easily hide
I don’t have much money, but, boy, if I did



“I’d buy a big house where we both could live”

“I hope you don’t mind
I hope you don’t mind that I put down in words
How wonderful life is while you’re in the world”

O autor da história gosta muito dessa música e para ele, os trechos o remetem a sua família.



Projeto gráfico

Tipografia: Work Sans

Planejado para impressão em papel offset 90 g/m²

Abril de 2021

